

AMIZADE, ESCRITAS DE SI E CHÃO DE FÁBRICA: EXPERIÊNCIAS TRANSFORMADORAS NAS RELAÇÕES ENTRE INTRA-GÊNEROS MASCULINOS.

João Diogo Trindade Cordeiro Araújo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: diogotrindadepb@hotmail.com

Eronides Câmara de Araújo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: ero@oi.com.br

Resumo

Esse texto pretende refletir sobre minha experiência enquanto funcionário de uma grande empresa do setor fabril na cidade de Campina Grande-PB. Ao deparar-me com o ir e vir em um chão de fábrica problematizo sobre as políticas da amizade que são construídas nesse espaço de sociabilidades e as transformações que decorrem dessas relações. Pensarei as relações de amizade entre intra-gêneros masculinos a partir das narrativas de uma operária transgênero com a qual tive a oportunidade interagir. Para discorrer sobre amizade utilizarei o conceito de Francisco Ortega (1999). Sobre memória individual e coletiva discutirei a partir de Halbwachs (2003). O conceito de experiência será definido por Jorge Larrosa (2004). Analisarei as falas dos sujeitos desta pesquisa utilizando da análise de discurso de Foucault.

Palavras – chave: amizade, experiência, chão de fábrica.

Introdução

Este artigo propõe discorrer sobre as políticas da amizade a partir dos laços que foram formados em minha experiência profissional e de pesquisa enquanto trabalhador fabril do setor industrial calçadista na cidade de Campina Grande-PB entre os anos de 2013 e 2015.

Durante dois anos estive trabalhando na fábrica em um ambiente heterossexista¹ onde transitam cerca de 9.000 (nove mil) colaboradores por dia, em sua grande maioria sujeitos do gênero masculino que contribuem com a manufatura de bens e/ou serviços operando o maquinário ou supervisionando a linha de produção. Após três anos do meu desligamento retomo minha rotina diária recontando minha trajetória fabril manipulando as minhas memórias ao tempo em que também o faço com as memórias dos demais sujeitos que compõem essa pesquisa,

Buscarei compreender como se constituíam as relações de amizade com operários homoafetivos e a partir da experiência de pesquisa como tem sido desconstruído o meu olhar sexista. O preconceito sofrido pelos homoafetivos está sempre associado diretamente ao sexo, a irresponsabilidade, a libertinagem e com a promiscuidade – bastante comum nos discursos sexistas. Kotlinsk (2012) afirma que a homoafetividade surge para “[...] visibilizar e romper com o paradigma de que a homossexualidade está necessariamente restrita ao ato sexual” (p.3). Atualmente essa abordagem vem sendo intensificada, entidades e movimentos LGBT já utilizam o termo “homoafetivo” como uma forma de ressignificar socialmente a representação da identidade do homossexual, legitimando os sentimentos afetivos como justificativa para o relacionamento entre intragêneros masculinos.

Discorrendo sobre a política da amizade entre os trabalhadores fabris e operários homoafetivos pensarei o sexismo a partir das experiências de si e do outro em um chão de fábrica²; Discutirei sobre a ressignificação da amizade desconstruindo o olhar do preconceito nas relações de trabalho a partir das histórias de vida de uma operária transgênero. Como a experiência da pesquisa me possibilitou construir vínculos de amizade com um operário homoafetivo a partir do chão de fábrica? Para responder esta pergunta refletirei sobre as

¹ Heterossexismo: “[...] designa um pensamento segundo o qual todas as pessoas são heterossexuais. Um indivíduo ou grupo heterossexista não reconhece a possibilidade de existência legítima da homossexualidade, ou mesmo da bissexualidade (p.3)”. Disponível: http://www.mp.go.gov.br/porta/web/hp/41/docs/diversidade_sexual-artigo_diversidade_sexual_-_artigos_e_teses.pdf Acesso em 15 de outubro de 2015.

² Chão de fábrica: o chão de fábrica remete a idéia de ser um lugar onde ocorre somente a transformação de matéria prima em produto acabado. Disponível em: (<http://www.ebah.com.br/content/ABAAABK-MAG/chao-fabrica>) Acesso em 21 de julho de 2016.

transformações que a pesquisa pode possibilitar ao pesquisador enquanto sujeito que vislumbra “o outro” a partir das experiências de si.

A importância desse estudo se dá por sugerir um novo olhar para o outro a partir de uma releitura desses sujeitos socialmente “desviantes”, trazendo o debate para a sociedade historicamente heterossexista.

Metodologia

O interesse sensível em construir relações de amizade com sujeitos homoafetivos a partir da pesquisa tem me possibilitado enxergar o quão primordial é conduzir esse debate para além dos portões da fábrica. As experiências vivenciadas foram de fundamental importância para motivar esta escrita a partir das narrativas e serão analisadas metodologicamente utilizando-se da análise de discurso de Foucault. Os discursos, segundo esse autor “[...] são reproduzidos e repetidos.” Foucault apud ARAUJO (2011, p.233). Dentro de uma organização são muito facilmente utilizados para diversos fins. Nesse caso específico, eles são analisados a partir da própria perspectiva das relações entre intragêneros masculinos refletindo a ideia de amizade e alteridade.

Discussão e Resultados

A fábrica e seu chão: um território da escrita de si

Quando viajo em busca das lembranças que fazem parte dos momentos vividos na fábrica vou reconstruindo cada acontecimento, não os considerando apenas a partir das minhas memórias individuais, visto que para elas existirem precisam do outro, dos sujeitos que em sociedade ou comunidade estiveram partilhando comigo de dados momentos passados, Halbwachs (2004):

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança; é necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. (p.31)

A partir das narrativas do “outro” vou contando minhas histórias e tecendo nas entrelinhas da subjetividade a reconstrução de um passado experimentado, buscando manipular minhas memórias na medida em que as cruzo com as do outro sujeito dessa pesquisa. São reminiscências que me levam a embarcar em uma viagem até a fábrica com seus sons, cheiros, transeuntes, edifícios, máquinas e gritos, paisagens que se movimentam e trazem para o presente um novo contar.

No primeiro dia, do portão de entrada principal já ouço o coração da fábrica pulsando e me convidando a iniciar uma viagem da qual jamais apagaria de minhas memórias. Ainda na entrada, mas já de frente a um galpão de proporções gigantescas percebo homens e máquinas dialogando e misturando-se ao som ensurdecido e ao cheiro de borracha que pairava pelo ar, eram os cheiros e os sons que atiçavam a minha curiosidade em adentrar aquele espaço. Apesar de já estar entre os limites que compunham a grande fábrica, eu ainda não tinha chegado a seu coração, ao que chamam chão de fábrica, mas era impossível desconsiderar sua existência. O chão de fábrica me proporcionaria um novo experimentar, se desnudava diante dos meus olhos, transpassava minhas subjetividades e me ajudava a compor histórias onde o diálogo estabelecido entre homens e máquinas muito teria a me contar. Como afirma Larrosa (2004):

A experiência é o que nos passa, ou o que nos acontece, ou o que nos toca. Não o que passa ou o que acontece, ou o que toca, mas o que nos passa, o que nos acontece ou nos toca. A cada dia passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos passa. (p.154)

Estava eufórico ao ser apresentado aos operários³ das máquinas, era algo novo que me acontecia naquele momento, não seria apenas uma visita de rotina. Minha vivência diária com os inúmeros sujeitos me permitiria vislumbrar a importância de me perceber enquanto sujeito da experiência que segundo Larrosa (2004), é “[...] um sujeito que perde seus poderes precisamente porque aquilo do qual faz experiência se apodera dele.” (p.163). Enquanto funcionário poderia ter avaliado o meu encontro com a fábrica como uma oportunidade profissional, ou até mais uma tentativa de “ganhar a vida” numa sociedade que gira em torno do capital para sobreviver. Mas foi diferente, fui tocado e convidado a experimentar, e o primeiro dia representa o início de uma transformação contínua, algo que ainda passa, ainda toca.

Desde o início da minha jornada na fábrica que os companheiros de trabalho me interpelavam em tom jocoso afirmando que eu namorava uma operária chamada “Luana”

(83) 3322.3222
Operários: trabalhadores que manipulam o maquinário em uma linha de produção.
contato@conidis.com.br

(nome fictício que utilizarei para proteger a identidade do sujeito), por não conhecer bem o quadro de operários até achava estranho uma mulher operar o maquinário do chão de fábrica, uma visão simplista codificada pelo masculino, a agilidade e a força para mim eram características que compunham as práticas da masculinidade, o homem poderia trabalhar operando máquinas, tinha a virilidade e a competência para tal, já uma mulher, Luana? Tão frágil, achava que não, não podia ser.

Os dias passaram rapidamente e à medida que o trabalho era desenvolvido eu fui construindo laços de amizade não só no meu setor, mas também no chão de fábrica. Diariamente ao meio dia interrompia minhas atividades e me deslocava em grupo de cinco ou até dez sujeitos (todos do gênero masculino) até o restaurante para alimentar-me antes de retornar ao setor.

Na segunda semana de trabalho percebo passar por mim em direção à fila de acesso ao restaurante uma jovem loira com cabelos longos tingidos de uma cor forte amarelada, usava um uniforme bem justo que enfatizava seus atributos corporais com largos quadris, ela conduzia-se séria e a passos lentos e despreocupados. De cabeça erguida não esboçava nenhuma reação ao sentir-se imediatamente observada por todos os sujeitos (em grande parte do gênero masculino) que compunham e ao mesmo tempo adentravam aquele espaço de sociabilidades, o restaurante. Um companheiro do grupo apontou ligeiramente e afirmou olhando em minha direção: “olhe sua namorada passando”. Era o discurso homofóbico⁴ se reafirmando pela rejeição da homossexualidade, uma rejeição, como afirma Louro (2015, p.27) “que se expressa muitas vezes, por declarada homofobia.” Luana era um sujeito transgênero e os discursos sobre esse sujeito circulavam como prática educativa da sexualidade, por toda a fábrica, embalados pelo riso e pelo “escárnio”.

Reconhecia-me naquela conjuntura enquanto sujeito machista e sexista, o meu grupo de amigos não admitiria um masculino que representasse o diferente, mas aquele masculino com o qual eu tinha me deparado me chamou a atenção, eu não poderia negar. Como em um universo tão masculinizante, viril e possivelmente discriminatório que é o ambiente fabril, aquele sujeito (Luana) se relacionava com “o outro”? Quais os laços afetivos e profissionais ela conseguia criar? Será que as oportunidades de trabalho eram iguais para todos, inclusive para ela? Movido por questionamentos me transpus a problematizar o que circundava as relações de amizade entre intragêneros masculinos na fábrica.

⁴ Homofóbico: sujeito que tem aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio ou preconceito contra homossexuais, lésbicas, bissexuais ou transsexuais.

O que era “ser amigo?”, de que forma eu poderia me propor ao desafio de conquistar um amigo no ambiente profissional, um amigo que até então considerava diferente de mim? LOURO (2015, p.27) diz que “De modo especial, as expressões físicas de amizade e de afeto entre homens são controladas, quase impedidas, em muitas situações sociais.” Eu me sentia confrontado por esse sujeito, assim como também impedido de aproximar-me. Transgredir seria uma afronta perante os novos amigos recém conquistados, manter contato ou aproximação com Luana era impensável, mas era preciso, e foi o que ocorreu. Refletindo sobre amizade percebi que esta pode se revelar através de uma multiplicidade de formas, amizade para Quintiliano (2005 apud ORTEGA 1999) é:

Um convite, um apelo à experimentação de novas formas de vida e comunidade. Reabilitá-la representa introduzir movimento e fantasia nas rígidas relações sociais, estabelecer uma tentativa de pensar e repensar as formas de relacionamento existentes em nossa sociedade que são poucas e simplificadas. (p.25)

Ao tratar essa minha passagem pela fábrica como uma experiência, me sentia tocado pelo fato de poder interagir com todos independente de suas identidades. As novas formas de comunidade eram a mim apresentadas num contexto impregnado de múltiplas práticas educativas, o que diferia dos ambientes que eu frequentava fora daquele espaço. Tive ali a oportunidade de experimentar a multiplicidade de formas de vida que a amizade sugere e que nascem e crescem para além do sexismo, apesar do ambiente masculinista e conservador, a própria ética organizacional sugeria que todos deveriam ser tratados igualmente, o trabalho era coletivo e indicava diariamente a necessidade em interagir com o sujeito “diferente”.

Muitas das vezes a obrigação de conviver harmonicamente com o “outro” no ambiente do trabalho, faz com que preconceitos sejam quebrados e que possibilidades de amizades venham a se instaurar. À medida que fui subjetivando as múltiplas formas de amizade, iniciei uma desconstrução de mim mesmo, fui voluntariamente imerso num processo transformador e decidi por pesquisar as relações entre os intragêneros masculinos, descortinando a cada conversa com Luana um mundo de possibilidades e sensibilidades.

Os masculinos ressignificados: a amizade como ferramenta de transformação.

A motivação sobre pesquisar as relações entre intragêneros masculinos no chão de fábrica a partir das narrativas dos operários homoafetivos surge da curiosidade lançada a mim involuntariamente por Luana enquanto sujeito que transgredia com a idéia de “masculino” reproduzida na fábrica. Nascia a partir daí uma necessidade de aproximação do outro, de (89) 3322-1922 que existiam outros “masculinos”, outras identidades de gênero que não contato@conidis.com.br

necessariamente sugeriam uma identidade heterossexual. Eu precisava conhecer esse sujeito que tanto me chamava a atenção e problematizar suas relações no campo do trabalho.

Enquanto narrador me via interessado na experiência do outro, no que ele teria a me contar e, talvez, nesse momento eu fosse o viajante ao qual se refere Benjamim (1994) “quem viaja tem muito a contar”, diz o povo e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe” (p.3). Para mim a experiência da fábrica era parte de uma viagem contínua, eu vinha de longe, caminhante e com disposição em conhecer novos sujeitos e suas vivências. A experiência que passa de pessoa para pessoa era a minha fonte, minha parada obrigatória.

A história de Luana na fábrica já perdura por nove anos e de suas muitas falas, foram as primeiras as que mais me chamaram à atenção. Entrevistá-la me trouxe alguns impactos, logo percebi que “A entrevista, implicitamente, realça a autoridade e a autoconsciência do narrador e pode levantar questões sobre aspectos da experiência do relator a respeito dos quais ele nunca falou ou pensou seriamente.” Tentei sair desse lugar de autoridade proposto por Portelli (2006), era necessário um relato de experiência, mas não de assujeitamento, propus uma conversa com a finalidade de criar um ambiente propício e seguro para minha interlocutora e a partir daí conhecer um pouco mais sobre Luana, e esses primeiros encontros foram conflitantes.

O processo de inserção desse sujeito transgênero no mundo do trabalho ocorreu de maneira abrupta, como bem podemos perceber em suas falas sobre o momento da seleção para o cargo: “Ah, foi um choque! Foi um choque muito grande, foi um choque, foi um choque pro supervisor, foi um choque pra todo mundo.” Ainda continua:

Porque lá a gente tira a roupa pra saber se tem alguma hérnia, entendeu como é? Mas não tirei a roupa toda não, eu tirei só calça e suspensório. Aí ele perguntou você usa cueca? Aí eu disse: eu vou usar o que? Aí nisso eu senti assim, na mesma hora ele mandou retirar todos os homens e ficou só eu. Aí foi chegando enfermeira e todo mundo pra ver , eu digo meu Deus o que será que ta acontecendo?, será que eu estou com alguma coisa estranha em cima de mim, chegando aí eu escutava quando todo mundo fazia “eu não to acreditando não”, só que eu soube levar na esportiva.

Ao lembrar a partir de lembranças de quase dez anos atrás percebi o quanto Luana ainda sentia-se emocionada. Ao falar sobre um passado ainda recente mostrava-se ansiosa e com a voz embargada. Demonstrava claramente que assumir-se transgênero era uma luta diária, que desviar-se de um padrão de sexualidade exigia acima de tudo coragem:

Mas porque escuta só, tem que ter uma cabeça muito boa, se você for parar para sentir esse tipo de incômodo você endoidece. Porque o preconceito ta aí

todo dia, a cada dia eu digo isso por mim quando eu chego na minha casa eu faço” eita! Hoje eu matei cem leão.” Eu superei tudo isso no dia a dia. Preconceito é todo dia. Em qualquer canto que você entre é preconceito, mas eu supero senão eu vou endoidecer, um amigo já se matou por preconceito.

Enquanto também sujeito da pesquisa sentia-me interessado em ouvi-la e a partir de suas falas me percebi rompendo com o olhar sexista que até então me acompanhara. Era o transformar-se enquanto “sujeito da experiência”. O relato de sua vivência fabril, de assédio moral e sexual sofridos por vezes me deixara atordoado, minhas memórias sobre a fábrica eram relativamente positivas, e porque não poderia ser assim para todos? Para mim o foi pelo simples fato de enquadrar-me em um padrão de sexualidade socialmente aceito, o que não era o caso de Luana, apesar de ser uma profissional competente.

Custei a acreditar que era possível trabalhar sob uma condição tão desrespeitosa conforme a mesma expõe: “eu pedi pra mudar de setor porque eu tava sendo pressionada por um supervisor. Ele dizia “se você não sair comigo eu vou lhe demitir”. Me ameaçou muito”. Era estimulante pensar na história de Luana como sendo uma história de lutas, eu via no “outro” o reflexo de minha própria imagem sendo então reconstruída, se desnudando de artifícios e práticas masculinizantes e tomando uma nova forma, agora sensível a perceber a importância deste na minha nova formação enquanto sujeito intelectual e social.

Conclusão

O contato com o “outro” nos forma e nos transforma, e esse experienciar é contínuo à medida que nos aproximamos desse outro. Nossa busca é perceber nele o que temos em comum, são essas reflexões identitárias que nos atraem. Reconhecer-se no outro nos permite também ser vistos

A pesquisa me permitiu criar um ambiente onde a amizade se colocaria no cerne da questão. Passo a partir desse encontro a refletir sobre a amizade enquanto um convite a experimentar o novo, a experimentar as ricas vivências que o outro nos permite provar. O contato e a interação com Luana me fizeram quebrar alguns paradigmas, era preciso mudar, transgredir com a idéia de não suportar a diferença.

Luana tem sido o sujeito que contribui com o meu eterno “tornar-me”, o meu eterno “vir-a-ser”. A fábrica e o seu “chão” concretizam-se como o lugar do encontro, das memórias. A escrita de si me estimula a contar sobre Luana, mas quando discorro sobre este sujeito, eu estou discorrendo, antes de tudo, sobre mim.

Não penso eu que minha jornada enquanto pesquisador acaba aqui, talvez e, que assim seja, espero que nunca termine. A viagem continua a seguir pelas trilhas do inesperado e das descobertas. A cada parada uma nova fonte para beber, uma nova paisagem a ser contemplada e explorada, novos sujeitos e novas histórias. O contar e o recontar perduram à medida que as políticas da amizade vão se constituindo por entre as relações que vivencio no meio desse frondoso caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Eronides Câmara. Fazer de algumas passagens, quadros, e quem sabe um dia, você possa assinar||: **homens traídos e práticas da masculinidade para suportar a dor**. Tese de doutorado defendida em 2011. Universidade Federal de Campina Grande- Centro de Humanidades-Unidade Acadêmica de Ciências Sociais Programa de pós-graduação.

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. Magia, técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003.

KOTLINSKI, K. **Diversidade Sexual - Uma breve introdução**. Fórum de Entidades Nacionais de Direitos Humanos, 2012 - mp.go.gov.br Disponível em:<
<http://www.coturnodevenus.org.br/leisejuris/diversidadesexual.htm>>. Visitado em 15 de outubro de 2015.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOURO, Guacira Lopes (organizadora). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte. Autêntica, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como gênero**. Projeto História. São Paulo, 2011.
<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/10728/7960>

QUINTILIANO, Deise. **Sartre: philía e autobiografia**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

